Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões
ISSN 2358-3037

METODOLOGIAS ATIVAS EM ECOTEOLOGIA: DA TEORIA ACADÊMICA À PRÁTICA COMUNITÁRIA

ACTIVE METHODOLOGIES IN ECOTHEOLOGY: FROM ACADEMIC THEORY TO COMMUNITY PRACTICE

José Fábio Bentes Valente [1]
Franci Flores de Vargas[2]
Mara Cinthia da Silva Cunha[3]

Recebido em 31 de julho de 2025
Aceito 21 de setembro de 2026

[1] Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP (2022-), na qualidade de bolsista PROSUC/CAPES. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-FUV (2019). Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN (2017). Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estácio de Sá - UNESA (2020-). prof.fabiovalente@gmail.com
[2] Doutora e Mestre do Programa de Pós-Graduação em Clima e Ambiente-INPA/UEA. Especialista em Tutoria EAD Pela Faculdade Boas Novas e Graduada em Meteorologia pela Universidade do Estado do Amazonas/Escola Superior de Tecnologia e Graduanda em Direito pela Faculdade Boas Novas. Atualmente exerce a função de Coordenadora de Pesquisa da Faculdade Boas Novas. franci.vargas@fbnovas.edu.br ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9940-6470
[3] Mestrado em andamento em Ciências da Religião, pela Pontifícia Universidade Católica de Goais. Graduada em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas. Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão Escolar, Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar pela Faculdade Facuminas. Professora dos Cursos de Graduação da Faculdade Boas Novas. Mara.cunha@fbnovas.edu.br ORCID: https://orcid.org/0009-0000-1537-2286

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a implementação de metodologias ativas no ensino da eco-teologia, com foco na sua eficácia para transpor os limites da teoria acadêmica e fomentar a prática comunitária. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se também em um projeto de curricularização da extensão desenvolvido com estudantes do segundo período do curso de Teologia da Faculdade Boas Novas. A análise explora como abordagens pedagógicas participativas podem catalisar a formação de agentes de transformação socioambiental. Os resultados alcançados indicam que a aplicação de metodologias como a aprendizagem baseada em projetos e a sala de aula invertida, aliada a projetos de extensão, potencializa o engajamento discente, a consciência crítica e a aplicação prática dos conhecimentos teológicos em contextos comunitários, promovendo uma interação mais harmônica e responsável com o meio ambiente.

Palavras-chave: Ecoteologia; Metodologias Ativas; Educação Socioambiental; Extensão Universitária.

Abstract: This article aims to analyze the implementation of active learning methodologies in the teaching of eco-theology, focusing on their effectiveness in transcending the boundaries of academic theory and fostering community-based practice. The research, bibliographic in nature, is also grounded in an extension curriculum integration project developed with second-semester Theology students at Faculdade Boas Novas. The analysis explores how participatory pedagogical approaches can catalyze the formation of socio-environmental change agents. The results indicate that the application of methodologies such as project-based learning and the flipped classroom, combined with extension projects, enhances student engagement, critical awareness, and the practical application of theological knowledge in community contexts, promoting a more harmonious and responsible interaction with the environment.

Keywords: Eco-theology; Active Learning Methodologies; Socio-environmental Education; University Extension.

Introdução

A crise socioambiental contemporânea impõe à sociedade, e em especial às instituições de ensino, o desafio de repensar seus paradigmas e práticas. Neste cenário, a teologia é convocada a refletir sobre o seu papel na promoção de uma ética do cuidado com a "casa comum". A eco-teologia emerge como um campo fértil para essa reflexão, mas enfrenta o desafio de não se restringir ao debate puramente teórico. É imperativo que o conhecimento gerado na academia transborde para a realidade social, capacitando indivíduos a atuarem como protagonistas na construção de um futuro mais justo e sustentável. Esta pesquisa parte dessa premissa para investigar o potencial das metodologias ativas como ponte entre o saber eco-teológico e a ação transformadora.

O objetivo geral deste estudo é analisar criticamente a aplicação de metodologias ativas no ensino de ecoteologia para estudantes de graduação, avaliando sua contribuição para a formação de uma consciência socioambiental ativa e para o desenvolvimento de competências práticas. A problematização central que norteia a investigação é: de que forma as metodologias ativas podem instrumentalizar estudantes de teologia para converter o conhecimento teórico em ações concretas de impacto socioambiental em suas comunidades? Para responder a essa questão, o artigo está estruturado em três seções principais, que abordam os pilares desta proposta.

A primeira seção explora o conceito e a aplicação das metodologias ativas no campo da educação ambiental, destacando seu potencial para superar modelos tradicionais de ensino. A segunda seção aprofunda a fundamentação teórica, estabelecendo um diálogo entre a pedagogia da libertação de Paulo Freire e a ecologia integral, que juntas oferecem um arcabouço robusto para uma eco-teologia engajada. Por fim, a terceira seção discute a aplicação prática desses conceitos, com foco na formação discente por meio de projetos de extensão universitária e na avaliação do seu impacto. Conclui-se que a integração dessas abordagens representa um caminho promissor para uma formação teológica relevante e transformadora, capaz de responder aos clamores do nosso tempo.

1. Metodologias Ativas e sua Aplicação na Educação Ambiental

A educação ambiental no Brasil, inserida pela Lei nº 9.795/1999, incorpora uma conjectura que vai além da simples disseminação do conhecimento, formando membros mais críticos e perceptivos da sociedade. Nesse contexto, modelos pedagógicos

tradicionais que centram o professor como um detentor do conhecimento se mostram inadequados. Como resultado, as metodologias ativas de aprendizagem surgem como uma alternativa cognitiva, deslocando o foco do processo de ensino-aprendizagem para o estudante, que desempenha um papel ativo no desenvolvimento do seu próprio conhecimento, cujo processo simbiótico contribui para uma aprendizagem docedicêntrica, ou seja, professores e estudantes como atores principais no processo de ensino-aprendizagem.

Para Laubensteien, Junior e Silva, essas metodologias compreendem uma multiplicidade de estratégias, como a aprendizagem baseada em problemas, a gamificação, a sala de aula invertida e o desenvolvimento de projetos.[4] Nesse aspecto, a Gamificação, é um método de ensino que utiliza elementos de jogos para despertar o interesse e a motivação dos alunos para aprender. Esse modelo de aprendizagem mais dinâmica é interessante ao adicionar desafios, recompensas e *feedback* imediato, podendo deixar os alunos mais interessados e incentivá-los a adotar práticas sustentáveis.

A aprendizagem baseada em Projetos, segundo estes autores, se aplica no envolvimento de estudantes para a criação e execução de projetos práticos, que unifiquem o conteúdo teórico com desafios do mundo real. Este método ajuda os estudantes a aprenderem habilidades como planejamento, liderança e trabalho em equipe, que são importantes para trabalhar no mundo contemporâneo. Disso, os projetos de extensão universitária são um campo privilegiado para a aplicação desses aprendizados, permitindo que os estudantes vivam os desafios e as potencialidades do trabalho comunitário.

A Sala de aula invertida, segundo Nogueira *et al*, soma-se e essas metodologias, sendo um modelo de ensino em que os alunos estudam conteúdo teórico em casa usando vídeos, livros e outros materiais, enquanto usam o tempo de aula para atividades práticas, discussões e resolução de problemas. Essa metodologia incentiva os estudantes a serem independentes, pensarem criticamente e trabalharem juntos.[5]

---

[4] LIPPEL LAUBENSTEIN, Franciele; SARI JÚNIOR, Carlos Antônio; BORBA DA SILVA, Rogério. Metodologia ativa na educação ambiental: um novo paradigma na formação de uma consciência coletiva. *Revista de Direito Socioambiental e Sustentabilidade*, Santa Catarina, v. 10, n. 1, 2024, p. 57.

[5] NOGUEIRA, Cássio da Cruz. et. al. Metodologias ativas na educação ambiental: Promovendo o engajamento dos estudantes e abordando as mudanças climáticas por meio de abordagens interdisciplinares. *Conhecimento & Diversidade*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 44, 2024, p. p. 152-153.

Sendo assim, os diferenciais dessas abordagens citadas acima, residem na sua capacidade de conectar o conteúdo teórico com desafios do mundo real, tornando a aprendizagem mais significativa e envolvente, pois ao serem confrontados com problemas concretos, os estudantes são estimulados a pesquisar, colaborar, debater e propor soluções, desenvolvendo autonomia e pensamento crítico.

Na educação ambiental, a aplicação de metodologias ativas tem se mostrado particularmente eficaz, pois além dos métodos de aprendizagem citados, a utilização do trabalho colaborativo é outro ganho fundamental proporcionado por essas práticas pedagógicas inovadoras, pois a colaboração entre pares não apenas enriquece o aprendizado individual, mas também desenvolve habilidades sociais fundamentais para o trabalho em equipe, essenciais na abordagem de questões complexas como as socioambientais, pois segundo as professoras Izabel Speckhahn e Débora Chueiri, a aprendizagem em equipe (*Team-Based Learning*) representa uma metodologia específica que estrutura a colaboração de forma sistemática e eficaz. Nessa abordagem, os estudantes são organizados em grupos heterogêneos que permanecem juntos durante todo o período letivo, criando vínculos de responsabilidade mútua. Pois, os grupos trabalham inicialmente de forma individual, depois colaborativa, e finalmente apresentam suas conclusões para toda a turma, promovendo múltiplas camadas de aprendizagem e reflexão crítica sobre os temas ambientais abordado.[6]

A instrução por pares (*Peer Instruction*), e outra metodologia que se relaciona a anterior, está por sua vez, valoriza o conhecimento prévio dos estudantes e sua capacidade de explicar conceitos uns aos outros. Esta metodologia reconhece que frequentemente os alunos conseguem compreender melhor as explicações de seus colegas, que utilizam uma linguagem mais próxima e exemplos de suas próprias experiências.[7] No contexto da disciplina ecoteologia, isso permite que experiências pessoais e vivências comunitárias sejam compartilhadas, enriquecendo a compreensão coletiva sobre a responsabilidade cristã com a criação.

Nesse interim, a construção coletiva de conhecimento emerge naturalmente dessas interações, criando uma sinergia onde o todo se torna maior que a soma das partes. Nesse aspecto, os estudantes de teologia trabalham colaborativamente em projetos socioambientais, eles não apenas aplicam conceitos teóricos, mas também

[6] SPECKHAHN, Izabel; CHUEIRI, Débora. Educação Ambiental Através De Metodologias Ativas: Uma revisão bibliográfica. *Revista Valore*, Santa Catarina, v. 9, 2024, p. 08.
[7] SPECKHAHN; CHUEIRI. 2024, p. 09.

desenvolvem uma compreensão mais profunda da complexidade dos desafios ambientais.

Essa interação fortalece os laços entre os estudantes e promove a responsabilidade compartilhada com a natureza, fundamentando uma ética ambiental baseada na solidariedade e no cuidado mútuo, cabendo frisar que na seção 03 (Três), trataremos a eficácia que essas metodologias trouxeram para o ensino e aprendizado destes discentes.

Apesar dos benefícios evidentes, a implementação de metodologias ativas na educação superior enfrenta desafios significativos que não podem ser ignorados. A transição de um modelo tradicional de ensino para abordagens mais participativas exige uma mudança cultural profunda nas instituições educacionais.[8] Pois, muitos docentes, formados em paradigmas educacionais tradicionais, sentem-se inseguros para adotar novas práticas, especialmente quando não receberam formação adequada para implementar essas metodologias de forma eficaz.

Para a professora Janice Alencar, essa resistência docente está relacionada ao medo do desconhecido e à falta de domínio técnico das novas ferramentas pedagógicas. na qual, superar essa barreira exige investimento substancial em formação continuada de professores, oferecendo não apenas capacitação técnica, mas também suporte emocional e pedagógico durante o processo de transição. É fundamental que as instituições criem espaços de experimentação segura, onde os docentes possam testar novas abordagens sem o receio de fracassar.[9]

Insta salientar que a estrutura curricular tradicional, com suas avaliações formais e individuais, representa outro obstáculo significativo à implementação de metodologias ativas. O sistema de notas e provas tradicionais frequentemente contradiz os princípios colaborativos e processuais das metodologias ativas.[10] Uma reestruturação pedagógica se faz necessária, valorizando a interdisciplinaridade e a autonomia discente através de sistemas de avaliação mais flexíveis e formativos, que considerem o processo de aprendizagem e não apenas o produto final.

---

[8] ALENCAR, Janice Lima de. *Educação Ambiental*: Ressignificando Prática E Saberes, Através do Uso De Metodologias Ativas e da Tecnologia. 108 f. Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020, p. 20-21.

[9] ALENCAR, 2020, p. 23.

[10] BACHICH, Lilian; MORAN, José. *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática*. São Paulo: Penso, 2017, p. 23.

Cabe frisar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge como um importante catalisador para mudanças, incentivando a integração da educação ambiental de forma transversal em todos os níveis de ensino. Esta orientação normativa, segundo Pereira abre espaço institucional para a adoção de abordagens inovadoras, legitimando práticas pedagógicas que anteriormente poderiam ser consideradas experimentais ou periféricas. Assim, a BNCC reconhece que a educação ambiental vai além das fronteiras disciplinares tradicionais, exigindo uma abordagem mais integrada.[11]

Assim sendo, a transversalidade da educação ambiental proposta pela BNCC alinha-se perfeitamente com os princípios das metodologias ativas, que valorizam a interdisciplinaridade e a conexão entre diferentes áreas do conhecimento. No contexto da formação teológica, isso significa que questões ambientais podem ser abordadas não apenas em disciplinas específicas, mas permeando discussões sobre ética, pastoral, hermenêutica bíblica entre outras disciplinas que se correlacionam a questões ambientais. Essa abordagem integrada capacita os estudantes a desenvolverem uma visão sistêmica dos desafios socioambientais e de suas implicações teológicas.

Assim sendo, as metodologias ativas representam uma ferramenta pedagógica poderosa e necessária para a educação ambiental contemporânea, especialmente no contexto da formação teológica. Ao promoverem a autonomia intelectual, o trabalho colaborativo e a conexão direta com os desafios do mundo real, essas abordagens capacitam os estudantes não apenas a compreenderem teoricamente as questões socioambientais, mas a desenvolverem competências práticas para agirem como agentes de transformação em suas comunidades.

A implementação dessas metodologias, apesar dos desafios existentes, representa um caminho promissor para formar líderes religiosos verdadeiramente comprometidos com o cuidado da "casa comum" e com a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

2. Pedagogia da Libertação e Ecologia Integral como Fundamento para a Ecoteologia

[11] XAVIER, Antônio Roberto. Et.al. Educação Ambiental e BNCC: A abordagem da temática no documento normativo. *Revista de Gestão e Secretariado*. São Paulo, v. 15, n. 1, 2024, p. 605.

Uma ecoteologia que busca relevância prática necessita de aportes teóricos que conectem a fé com a justiça social e ambiental. A pedagogia da libertação, desenvolvida pelo educador Paulo Freire, e o conceito de ecologia integral, popularizado pelo Papa Francisco, oferecem aportes teóricos robusto para essa construção epistemológica. Segundo Santos, et. al., a abordagem freireana, fundamentada no diálogo, na autonomia e na amorosidade, concebe a educação como um ato de libertação, no qual educador e educando aprendem juntos em um processo de leitura crítica do mundo.[12]

Nesse sentido, a pedagogia de Paulo Freire posiciona-se em oposição direta ao que ele denominou "educação bancária", um modelo no qual o conhecimento é tratado como uma mercadoria a ser depositada em mentes passivas e vazias.[13] Em contrapartida, Freire propõe uma educação problematizadora, que parte da realidade concreta e das "situações-limite" dos oprimidos para fomentar a "conscientização".

Assim sendo, este não é um mero ato de tomada de consciência, mas um processo dialético de reflexão e ação (práxis) que capacita os sujeitos a se tornarem agentes da sua própria história. Tal perspectiva encontra profunda ressonância na educação ambiental crítica, que, conforme aponta Loureiro, visa à superação das estruturas de dominação e à compreensão da complexidade das relações socioambientais. A educação, sob esta ótica, torna-se um movimento de emancipação das amarras materiais e simbólicas que sustentam a ordem social vigente.[14]

Com base no pensamento de Freire, entende-se que a conscientização não ocorre de maneira isolada, mas no encontro dialógico entre educador e educando, onde ambos questionam a realidade, constroem sentidos e promovem transformações concretas. Esse movimento dialógico, segundo Santos et. al., é essencial para a construção de uma ética ambiental realmente inclusiva, pois reconhece e valoriza os saberes e as experiências de todos os envolvidos no processo educativo.[15] Ademais, tal abordagem crítica amplia as possibilidades de intervenção social, uma vez que

---

[12] SANTOS, Sílvio Marques Souza. Et. al. Educação Popular e Ecologia Integral: a práxis na Amazônia. *Revista do Movimento de Educação de Base*. Brasília, ed. 4, 2024, p. 20-30.

[13] FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 91.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019, p. 26-29.

[14] MACHADO, Luciano Rodolfo de Moura; AGOSTINI, Nilo. Educação Ambiental Crítica e Ecologia Integral em Oposição à Semiformação da Industria Cultural. *Devir Educação*, Lavras, v. 3, n. 1, jan./jun., 2019, p. 54.

[15] SANTOS, 2024, p. 25.

incentiva a análise dos determinantes históricos e culturais das problemáticas ambientais, favorecendo a emergência de soluções contextualizadas.

Nesse aspecto, a práxis educativa orientada por esses princípios requer, portanto, o compromisso com uma formação que ultrapasse os limites disciplinares tradicionais, promovendo a interdisciplinaridade e a integração entre teoria e prática. Dessa forma, para o professores Luciano Machado e Nilo Agostini, a educação ambiental crítica, influenciada pela pedagogia da libertação, não apenas informa, mas forma sujeitos autônomos, críticos e engajados na transformação de seu meio social e ambiental.[16] Por conseguinte, o diálogo, a reflexão e a ação tornam-se elementos centrais para o desenvolvimento de uma consciência ecológica e socialmente responsável, capaz de responder aos desafios contemporâneos de modo criativo e solidário.

Em síntese, pode-se perceber que a articulação entre os fundamentos freireanos e a educação ambiental crítica, fortalece o projeto de formação de sujeitos históricos capazes de atuar na defesa da justiça socioambiental, promovendo a construção coletiva de alternativas sustentáveis e emancipadoras para a sociedade contemporânea.

Paralelamente, a ecologia integral surge como um paradigma que alarga o conceito de meio ambiente, afirmando que "tudo está interligado". Essa abordagem, presente na encíclica *Laudato Si'*, escrita pelo Papa Francisco em meados de 2015, argumenta que a crise ambiental é inseparável da crise social, e que não se pode enfrentar uma sem abordar a outra.[17] É interessante frisar que para Murad, nessa propulsão cognitiva proposta pelo Papa Francisco, a ecologia integral, propõe uma visão geral que conecta as dimensões ambiental, econômica, social, cultural e cotidiana, denunciando as estruturas de pecado que geram tanto a exclusão social quanto a degradação da natureza.[18]

A convergência entre a pedagogia da libertação e a ecologia integral se torna abrangente, pois, ambas as correntes de pensamento são críticas ao modelo de desenvolvimento hegemônico, que mercantiliza a vida e aprofunda as desigualdades. Elas compartilham a convicção de que a transformação da realidade exige uma mudança de consciência e a participação ativa das comunidades na construção de seu próprio futuro, no qual a educação popular, inspirada em

[16] MACHADO; AGOSTINI, 2019, p. 57.
[17] FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*: Sobre o cuidado da casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 43.
[18] MURAD, Afonso Tadeu. *Ecoteologia:* Um Mosaico. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 28.

Freire, torna-se uma ferramenta eficaz para disseminar os princípios da ecologia integral.

No contexto da formação teológica, essa simbiose entre pedagogia da libertação e ecologia integral se presentifica e torna-se indispensável para o desenvolvimento de uma práxis educativa crítica e transformadora. Pois, uma ecoteologia alicerçada nessas bases epistemológicas possibilitam que os discentes vão além dos conceitos meramente teóricos dos quadriláteros das salas de aula, e acabam instigando a práticas pedagógicas, que se relaciona a proposta inserida pelo professor Carlos Frederico Loureiro, ao afirmar, que tais ações promovam a escuta ativa e o respeito aos saberes populares, valorizando a pluralidade cultural e epistemológica.[19]

Esse movimento de valorização do conhecimento local, aliado à reflexão crítica sobre as dimensões históricas e estruturais das problemáticas ambientais, fortalece a capacidade das comunidades de enfrentarem, de modo autônomo e solidário, os desafios impostos pela crise ecológica global. O diálogo, nesse sentido, segundo Edgard Morin, não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas o próprio fundamento para a emergência de soluções contextualizadas e inovadoras.[20]

Assim, por meio da práxis educativa, ela se torna não apenas um instrumento de transmissão de conteúdos, mas um espaço de resistência ética e de elaboração de alternativas sustentáveis frente às injustiças socioambientais. Para Leonardo Boff, a educação, fundamentada nesses princípios, atua como catalisadora de transformações sociais que viabilizam novos modos de relação com a natureza e com o outro, promovendo uma cultura de cuidado, solidariedade e responsabilidade compartilhada.[21]

Por meio da integração entre fé, ciência e cultura, abre-se espaço para a construção de uma ecoteologia verdadeiramente situada e relevante, capaz de dialogar com os desafios contemporâneos e de promover a justiça socioambiental como eixo central de sua atuação. Dessa forma, a educação religiosa, ancorada nos princípios da pedagogia libertadora e da ecologia integral, oferece um horizonte promissor para a emergência de práticas pedagógicas que contribuam para a construção coletiva de sociedades mais justas, democráticas e sustentáveis.

---

[19] LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Educação Ambiental Crítica*: contribuições e desafios. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014, p. 63.

[20] MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 81.

[21] BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*: Ética do humano - compaixão pela Terra. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 189.

3. Da Teoria à Prática: Formação Discente e Projetos de Extensão em Educação Socioambiental

A transição da teoria acadêmica para a prática comunitária é um dos maiores desafios da educação superior, especialmente nos campos que lidam com questões socioambientais.[22] Como já descrito na seção anterior, no âmbito da teologia, especialmente quando se trata da disciplina de ecoteologia em alguns nichos de Instituições Superiores nos cursos de Teologia reconhecidos pelo Ministério da Educação, ao referir sobre essa disciplina ou disciplinas que se correlacionem a temática que envolva as práticas de preservação e conscientização ambiental, o principal documento que orienta a organização dos cursos de Teologia hoje é a Resolução CNE/CES nº 4, de 16 de setembro de 2016.

Fundamentada no Parecer CNE/CES nº 60/2014, esta resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o bacharelado em Teologia. Em vez de prescrever uma lista rígida de disciplinas, as DCNs estabelecem princípios e uma estrutura flexível que deve ser observada pelas Instituições de Ensino Superior (IES).[23]

Ao se fazer uma breve análise dessa diretriz, dois artigos da resolução são particularmente relevantes para a inserção de temas socioambientais. O Art. 3º estabelece que o projeto pedagógico do curso deve explicitar seus objetivos gerais, "contextualizado à sua inserção institucional, política, geográfica e social". Essa exigência de contextualização abre, por princípio, um espaço para a reflexão sobre as realidades locais, incluindo seus desafios ecológicos. A menção explícita à inserção "geográfica e social" serve como um convite normativo para que os cursos de Teologia não se isolem em abstrações doutrinárias, mas dialoguem com os problemas concretos do seu entorno.[24]

Para operacionalizar essa visão, o Parecer CNE/CES nº 60/2014, que embasa as DCNs, propõe que os conteúdos curriculares sejam organizados em quatro grandes eixos, conforme quadro:

Quadro 1 - Eixos de Formação em Teologia segundo as DCNs[25]

---

[22] DEUS, Sandra de. *Extensão Universitária*: Trajetórias e Desafios. Santa Maria: PRE-UFSM, 2020, p. 12-13.

[23] BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES nº 4, de 16 de setembro de 2016*. Brasília: Diário Oficial, 2016, p. 9-1.

[24] BRASIL, 2016, p. 5-6.

[25] Quadro criado pelos pesquisadores baseados em: BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer CNE/CES nº 60/2014 de 12 de março de 2014*. Diretrizes

EIXOS	DESCRIÇÃO
Formação Fundamental	Inclui os conteúdos clássicos da Teologia, como Bíblia, Teologia Sistemática e História da Igreja.
Formação Interdisciplinar	Promove o diálogo da Teologia com outras áreas do conhecimento, como Filosofia, Ciências Humanas e Sociais.
Formação Teórico-Prática	Foca na aplicação pastoral e ministerial do conhecimento teológico, abrangendo Liturgia, Homilética, Aconselhamento, entre outros.
Formação Complementar	Engloba atividades como estágios, pesquisa e projetos de extensão.

É evidente que o Eixo de Formação Interdisciplinar constitui a principal porta de entrada regulatória para a Ecoteologia. O Parecer nº 60/2014 afirma que a Teologia é "um campo de estudos e de atuação que convive com múltiplas áreas do conhecimento".[26] A Ecoteologia, por sua própria natureza, é um campo interdisciplinar que dialoga intensamente com a Biologia, a Ecologia, a Sociologia, a Política e a Economia. Para Murad, ela pode ser definida como a reflexão teológica sistemática que emerge do encontro entre a crescente consciência ecológica e a tradição de fé cristã. Ela não é apenas um novo tema a ser adicionado ao repertório teológico, mas um novo paradigma que busca reler toda a tradição, a doutrina da Criação, a Cristologia, a Pneumatologia, a Soteriologia e a Escatologia, a partir da perspectiva da crise socioambiental.[27]

Portanto, as DCNs não prescrevem a obrigatoriedade da Ecoteologia, mas criam um arcabouço normativo permissivo e até incentivador. A autonomia concedida às IES para definirem seus currículos, dentro dessa estrutura de eixos e do princípio da contextualização, explica a diversidade de abordagens que será observada na análise a seguir. Algumas instituições utilizam essa liberdade para inovar e incluir explicitamente a temática socioambiental, enquanto outras mantêm um foco mais tradicional.

Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Teologia. Brasília: Diário Oficial, 2014, p. 36-37.

[26] BRASIL, 2014, p. 32.

[27] MURAD, Afonso. Ecoteologia: Ciência da Fé e Espiritualidade. *Revista Pistis & Praxis Social*, v.12, n. 3, Paraná, 2020, p. 521

As DCNs, assim, funcionam mais como um fator habilitador do que como um determinante curricular.

Nesse contexto, os projetos de extensão universitária despontam como ferramentas privilegiadas para viabilizar essa conexão entre a universidades e as comunidades. Segundo a professora Sandra de Deus, esses projetos permitem que as(os) estudantes atuem diretamente em suas comunidades, dialogando com os saberes locais e aplicando, de maneira concreta, os fundamentos teóricos aprendidos em sala de aula, com as experiencias e vivencias dessas comunidades.[28] Para além de um espaço de experimentação pedagógica, os projetos de extensão funcionam como laboratórios vivos onde o conhecimento se faz experiência, onde teoria e prática se entrelaçam em processos de intervenção social transformadora.

Foi justamente nessa propulsão metodológica que no primeiro semestre de 2025, foi realizado um projeto de curricularização de extensão a discentes do 2° (segundo) período do curso de Teologia da Faculdade Boas Novas na Cidade de Manaus, Amazonas, na Disciplina Ecoteologia, cujo pressuposto metodológico seguiu as seguintes fazes:

Fase 1: Identificação do Problema - Formação de equipes com 10 estudantes, garantindo diversidade de habilidades e interesses entre os participantes.

Fase 2: Pesquisa Inicial e Coleta de Informações - Duração de oito semanas, envolvendo múltiplas estratégias de coleta de dados através de entrevistas com membros das comunidades locais e representantes de organizações sociais.

Fase 3: Discussão e Avaliação - Concentrou-se na análise dos dados coletados e no planejamento das intervenções comunitárias.

Fase 4: Socialização dos Resultados - Dedicou-se à apresentação dos projetos e à implementação das intervenções planejadas.

Essas atividades desenvolvidas no âmbito da curricularização da extensão na disciplina ecoteologia, não apenas visam proporcionar aos estudantes experiências significativas de aprendizagem contextualizada, mas também desempenharam um papel na formação de profissionais comprometidos com uma transformação social sustentável e inclusiva.

Por meio de iniciativas que foram realizados desde diagnósticos participativos e intervenções comunitárias, a metodologia aplicada buscou estimular o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, empatia e trabalho colaborativo. Os estudantes

[28] DEUS, 2020, p. 08.

tiveram a oportunidade de vivenciar a complexidade das dinâmicas sociais locais e de contribuir diretamente para a resolução de problemas que afetam as comunidades urbanas da cidade de Manaus, bem como de outras comunidades como munícipio de Iranduba no Estado do Amazonas.

Além disso, essas atividades foram estruturadas para promover a conscientização sobre questões ambientais, culturais e econômicas, incentivando o diálogo intercultural e o respeito aos saberes locais, na qual essa abordagem de modo geral fortaleceu o compromisso que a educação, possui com a formação de cidadãos e profissionais capazes de intervir positivamente nas realidades onde atuam, ampliando os horizontes acadêmicos e contribuindo para o desenvolvimento da região em múltiplos aspectos.

Das Atividades de Intervenção Comunitária empregadas pelos estudantes podemos destacar:

Oficinas educativas sobre descarte correto de resíduos sólidos, práticas sustentáveis e educação ambiental;

Mutirões de limpeza em igarapés, praças, áreas verdes e espaços públicos;

Elaboração de materiais educativos adaptados às especificidades culturais das comunidades.

No que concerne a essas atividades de conscientização socioambiental, quanto a sua socialização, segue abaixo imagens de alguns banners produzidos pelos estudantes, realizados em algumas áreas urbanas da cidade de Manaus, apresentados no dia 13 de junho de 2025, no evento de Curricularização da Extensão da Faculdade Boas Novas, em que envolveram toda a Comunidade Acadêmica da Faculdade Boas Novas no evento conhecido como 5º Paneiro Amazônico.[29]

[29] Sobre o 5º Paneiro Amazônico, este evento já está na sua quinta edição, sendo uma oportunidade ímpar, que faz com os estudantes dos cursos de Graduação da Faculdade Boas Novas, possam sair dos quadriláteros das salas de aula da faculdade, e atuar com agentes de conscientização e mudança as comunidades locais. Disponível em: FACULDADE BOAS NOVAS. *5º Paneiro Amazônico*. Manaus: FBN, 2025. https://www.youtube.com/watch?v=F3AG4uCKDcQ&t=199s. Acesso em: 20 jun 2025.

Imagem 01 – Banners de socialização de Projetos da Curricularização[30]



[30] Imagem referente a socialização de banners, produzidos por estudantes do curso de teologia da Faculdade Boas Novas no 5° Paneiro Amazônico. FACULDADE BOAS NOVAS, 2025.

Imagem 02 – Estudante dando entrevista sobre seu Projeto[31]



No que concerne as socializações dos trabalhos dos estudantes que foram realizados nas comunidades, dos resultados obtidos ressaltaram a importância da curricularização da extensão, alocada na disciplina Ecoteologia, como um instrumento para fortalecer o compromisso institucional com a formação cidadã e com a construção de uma sociedade mais equitativa e sustentável, tendo por métricas uma abordagem que não apenas consolida o papel da extensão universitária, mas também reafirma a relevância da Faculdade Boas Novas, por meio de seus estudantes como um agente transformador na região amazônica.

A viabilidade desse movimento depende de um compromisso institucional sólido, que valorize a extensão como atividade-fim da universidade, flexibilize as estruturas curriculares e promova a formação continuada de educadoras(es). Assim, conforme pontua Alencar, cria-se um ambiente propício à emergência de práticas pedagógicas inovadoras, capazes de responder aos desafios ambientais e sociais de maneira contextualizada e inclusiva. É nesse território que a práxis educativa se renova, alimentada pelo diálogo interdisciplinar e pela escuta sensível das demandas comunitárias.32

Considerações Finais

[31] Imagem referente a socialização de banners, produzidos por estudantes do curso de teologia da Faculdade Boas Novas no 5° Paneiro Amazônico. FACULDADE BOAS NOVAS, 2025.

[32] ALENCAR, 2020, p. 61.

Este artigo buscou demonstrar, o potencial transformador da articulação entre metodologias ativas, na disciplina ecoteologia e extensão universitária. A análise revelou que a simples inserção de disciplinas sobre ecologia no currículo teológico se torna insuficiente para formar verdadeiros agentes de transformação socioambiental. Sendo necessária uma mudança de paradigma pedagógico que coloque o estudante no centro do processo de aprendizagem e que conecte o saber acadêmico, de forma indissociável, aos desafios da realidade comunitária.

A pesquisa aponta que a fusão entre a pedagogia libertadora de Paulo Freire e uma visão geral da ecologia integral oferece um arcabouço teórico-prático robusto para uma ecoteologia engajada. Essa abordagem permite ir além de um ambientalismo superficial, questionando as estruturas sociais e econômicas que geram a degradação e a exclusão. As metodologias ativas, por sua vez, surgem como as ferramentas pedagógicas ideais para dar vida a essa proposta, ao promoverem a autonomia, o pensamento crítico e a aprendizagem significativa através da resolução de problemas reais.

Os projetos de extensão universitária, quando devidamente integrados ao currículo e fundamentados nesses princípios, funcionam como o laboratório prático onde a teoria se encontra com a vida. Eles permitem que os estudantes de teologia não apenas falem sobre o "cuidado com a casa comum", mas o exercitem concretamente, dialogando com as comunidades e aprendendo com seus saberes. Contudo, o sucesso dessa empreitada depende de um compromisso institucional sério com a formação docente, a flexibilização curricular e a valorização da extensão como atividade fim.

Em suma, a transição da teoria acadêmica para a prática comunitária no campo da ecoteologia é um caminho exigente, mas plenamente viável. Ao adotar uma pedagogia ativa, crítica e contextualizada, os cursos de teologia podem capacitar seus estudantes a se tornarem não apenas especialistas em textos sagrados, mas também pastores, líderes e cidadãos comprometidos com a promoção da vida em todas as suas dimensões, respondendo com criatividade e esperança aos complexos desafios socioambientais do século XXI.

Esse processo de formação, ancorado no diálogo entre saberes acadêmicos e vivências comunitárias, promove uma aprendizagem significativa, na qual a teoria se encontra com a vida cotidiana. Dessa forma, os estudantes deixam de ser meros receptores de conteúdo e tornam-se protagonistas de processos que articulam conhecimento, ação e reflexão crítica. A participação ativa na elaboração e execução de projetos, aliada ao incentivo à autonomia intelectual e ao

desenvolvimento de lideranças comprometidas com a ética do cuidado, amplia o alcance e a relevância da atividade extensionista.

Além disso, a integração de metodologias inovadoras, como o trabalho em equipe, a pesquisa participativa e a escuta das demandas sociais, confere maior viabilidade à proposta de curricularização da extensão. O ambiente universitário torna-se, assim, um espaço de experimentação e inovação pedagógica, capaz de responder de forma criativa aos desafios que surgem nas fronteiras entre universidade e sociedade. Nesse contexto, a práxis educativa se renova e fortalece, alimentando o compromisso institucional com a justiça socioambiental e com a construção de uma sociedade mais equitativa e sustentável.

Portanto, promover a simetria entre teoria e prática não é apenas uma questão metodológica, mas uma exigência ética e formativa para as instituições de ensino superior comprometidas com a transformação do seu entorno. Pois ao investir em processos formativos integrados, a universidade reafirma seu papel como agente de mudança, preparando profissionais capazes de dialogar, articular e liderar iniciativas que promovam a sustentabilidade e o bem comum em múltiplos contextos sociais e ambientais. E através da curricularização da extensão, combinada com o uso de metodologias ativas, é o caminho para uma formação em ecoteologia que supere a dicotomia entre teoria e prática. Ao engajar os estudantes no diagnóstico, planejamento e execução de projetos comunitários, a universidade não apenas qualifica sua formação profissional e cidadã, mas também cumpre sua função social de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, solidária e sustentável.

Referências

ALENCAR, Janice Lima de. *Educação Ambiental*: Ressignificando Prática E Saberes, Através do Uso De Metodologias Ativas e da Tecnologia. 108 f. Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

BACHICH, Lilian; MORAN, José. *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora: Uma Abordagem Teórico-Prática*. São Paulo: Penso, 2017.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*: Ética do humano - compaixão pela Terra. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES nº 4, de 16 de setembro de 2016*. Brasília: Diário Oficial, 2016, p. 9-1. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991. Acesso em: 10 jun 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer CNE/CES nº 60/2014 de 12 de março de 2014*. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Teologia. Brasília: Diário Oficial, 2014. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=47941-pces060-14-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 jun 2025.

DEUS, Sandra de. *Extensão Universitária*: Trajetórias e Desafios. Santa Maria: PRE-UFSM, 2020.

FACULDADE BOAS NOVAS. *5º Paneiro Amazônico*. Manaus: FBN, 2025. https://www.youtube.com/watch?v=F3AG4uCKDcQ&t=199s. Acesso em: 20 jun 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*: Sobre o cuidado da casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

LIPPEL LAUBENSTEIN, Franciele; SARI JÚNIOR, Carlos Antônio; BORBA DA SILVA, Rogério. Metodologia ativa na educação ambiental: um novo paradigma na formação de uma consciência coletiva. *Revista de Direito Socioambiental e Sustentabilidade*, Santa Catarina, v. 10, n. 1, p. 55-74, 2024. Disponível em: https://www.indexlaw.org/index.php/revistards/article/view/10437. Acesso em: 02 jun 2025.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. *Educação Ambiental Crítica*: contribuições e desafios. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MACHADO, Luciano Rodolfo de Moura. AGOSTINI, Nilo. Educação Ambiental Crítica e Ecologia Integral em Oposição à Semiformação da Industria Cultural. *Devir Educação*, Lavras, v. 3, n. 1, p. 50-61, jan./jun., 2019. Disponível em: file:///C:/Users/fbarm/Downloads/admin,+4+-+A+EDUCA%C3%87%C3%83O+AMBIENTAL.pdf. Acesso em: 06 jun 2025.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MURAD, Afonso Tadeu. *Ecoteologia:* Um Mosaico. São Paulo: Paulinas, 2016.

MURAD, Afonso. Ecoteologia: Ciência da Fé e Espiritualidade. *Revista Pistis & Praxis Social*, v.12, n. 3, Paraná, 2020, p. 519-540. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27610. Acesso em: 11 jun 2025.

NOGUEIRA, Cássio da Cruz; et. al. Metodologias ativas na educação ambiental: Promovendo o engajamento dos estudantes e abordando as mudanças climáticas por meio de abordagens interdisciplinares. *Conhecimento & Diversidade*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 44, p. 149-174, 2024. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/12032. Acesso em: 02 jun 2025.

SANTOS, Sílvio Marques Souza. Et. al. Educação Popular e Ecologia Integral: a práxis na Amazônia. *Revista do Movimento de Educação de Base*. Brasília, ed. 4, 2024, p. 20-30. Disponível em: https://meb.org.br/wp-content/uploads/2024/10/ARTIGO-Educacao-Popular-e-Ecologia-Silvio-Marques-Revista-MEB-Edicao-4-2024.pdf. Acesso em: 06 jun 2025.

SPECKHAHN, Izabel; CHUEIRI, Débora. *Educação Ambiental Através De Metodologias Ativas*: Uma revisão bibliográfica. *Revista Valore*, Santa Catarina, v. 9, 2024, p. 01-14. Disponível em: https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/1717. Acesso em: 04 jun 2025.

XAVIER, Antônio Roberto. Et.al. Educação Ambiental e BNCC: A abordagem da temática no documento normativo. *Revista de Gestão e Secretariado*. São Paulo, v. 15, n. 1, 2024, p. 586-603. Disponível em: https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/3366/2072. Acesso em: 05 jun 2025.

NOMINATA DE AVALIADORES – 2025

Ailto Martins (Faculdade Refidim)

Anderson Frezzato (PUCCAMP)

Breno Martins Campos (PUCCAMP)

Celso Gabatz (PUCRS)

César Aquino Bezerra (UFAM)

Charles Klemz (EST)

Cídio Lopes de Almeida (UNIPINHAL)

Daniel Carvalho da Silva (PUC-GO)

David Mesquiati de Oliveira (PUCCAMP)

Edebrande Cavalieri (UFES)

Fabio Coronel Gagno Junior (FUV)

Francisco Antônio de Vasconcelos (UESPI)

José Adriano Filho (FUV)

José Ancelmo Santos Dantas (Instituto São Boaventura)

José Aristides da Silva Gamito (CIMG)

José Fábio Bentes Valente (UNICAP)

Nathália Ferreira de Sousa Martins (IFES)

Odete Liber de Almeida Adriano (FUV)

Raimundo Sérgio Farias Júnior (UEPA)

Rubens Ruprecht (UEL)

Silas Klein Cardoso (FUV)

Tiago de Moraes Kieffer (EST)

Vamberto Marinho Arruda Junior (PUC-SP)

Wallace Soares (FIPEMIG)

Wanderley Pereira da Rosa (FUV)